

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 2 Maio - Agosto 2024

ARTIGO

O LUGAR DO MUIRAQUITÃ NO CENTRO DE IMAGINÁRIOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Anderson Márcio Amaral Lima Amaral*

RESUMO

Os muiraquitãs são um dos artefatos mais conhecidos e enigmáticos da arqueologia amazônica. Neste artigo nos aproximamos de aspectos relacionados à engenhosidade da mente humana em criar e dar vida a sonhos, símbolos e imagens, em contextos individuais ou coletivos, e do papel social dado ao muiraquitã, a partir da perspectiva arqueológica relacionada às sociedades indígenas Tapajó e Konduri, que no século XVI controlavam uma extensa área no Baixo Amazonas. Veremos que a formulação, transformação e manutenção do muiraquitã em contextos amazônicos a partir de centros culturais de origem pré-colonial na região de Santarém são o resultado de complexas tessituras sociais, com raízes duráveis, que de forma intencional ou subjetiva foram incorporadas ao cotidiano do invasor europeu e perenizadas no imaginário da sociedade nacional.

Palavra-chave: redes de sociabilidades; muiraquitã; imaginário; perspectiva.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi (PPGDS-MPEG) e bacharel em Arqueologia pelo Programa de Arqueologia e Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-Ufopa). É analista de pesquisa e desenvolvimento no laboratório de arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA), vinculado ao Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia. E-mail: kawayba@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3532-899X>.

THE PLACE OF THE MUIRAQUITÃ AT THE CORE OF THE IMAGINARY OF THE BRAZILIAN AMAZON

ABSTRACT

Muiraquitã are one of the most well-known and enigmatic artifacts of Amazonian archeology. This study addresses aspects related to the ingenuity of the human mind in creating and giving life to dreams, symbols, and images, whether in individual or collective contexts and the social role given to muiraquitã from the archaeological perspective related to Tapajó and Konduri, Indigenous societies that controlled an extensive area in the lower Amazon in the 16th century. We will see the formulation, transformation, and maintenance of muiraquitã in Amazonian contexts from cultural centers predating the colonial time in the region of Santarém. They result from complex social fabrics with long-term roots, which were intentionally or subjectively incorporated into the daily life of the European invader and perpetuated in the imagination of the national society.

Keyword: sociabilities networks; green stone pendants; imaginary; perspective.

EL LUGAR DEL MUIRAQUITÃ EN EL CENTRO DE LOS IMAGINARIOS DE LA AMAZONÍA BRASILEÑA

RESUMEN

Los *muiraquitãs* son uno de los artefactos más conocidos y enigmáticos de la arqueología amazónica. En este artículo abordamos aspectos relacionados con el ingenio de la mente humana para crear y dar vida a sueños, símbolos e imágenes en contextos individuales o colectivos, y el papel social otorgado al *muiraquitã* a partir de una perspectiva arqueológica relacionada con las sociedades indígenas Tapajó y Konduri, que en el siglo XVI controlaban una extensa área del Bajo Amazonas. Veremos que la formulación, la transformación y el mantenimiento del *muiraquitã* en contextos amazónicos desde centros culturales de origen precolonial en la región de Santarém son el resultado de complejos tejidos sociales, con raíces duraderas, que intencional o subjetivamente se incorporaron a la vida cotidiana del invasor europeo y se perpetuaron en el imaginario de la sociedad nacional.

Palabras clave: redes de sociabilidad; *muiraquitã*; imaginario; perspectiva.

INTRODUÇÃO

Na busca por conhecer a importância do muiraquitãs entre coletivos indígenas na região do Baixo Amazonas antes e depois da invasão europeia, é necessário considerar que as formas de ordenamento de mundo descritas e testemunhadas entre estes grupos (Bettendorff, 2010) apontam que os Tapajó e Konduri se utilizavam de um conceito ontológico amplamente difundido no continente, segundo o qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que entendem o mundo segundo pontos de vista distintos (Castro, 1996, p. 115).

Essa concepção em certa medida se entrelaçou ao imaginário europeu, um conceito vinculado à construção e evocação de imagens pelo indivíduo (Fernandes, 2012), podendo ser compreendido pelo aspecto intrassubjetivo — da relação do sujeito com seu ego — ou intersubjetivo — relação do sujeito com a imagem de seu semelhante, uma evocação coletiva nos processos de construção de memórias (Fernandes, 2012; Linhares, 2015), que é transmitida de diversos modos, partindo da identidade e alteridade do outro ao coletivo e, por conseguinte, às redes sociais intra e interétnicas, que o recebem, processam e transformam à sua maneira, seja no âmbito coletivo ou individual (Amaral, 2017, 2018).

O entrelaçamento entre os mundos indígena, europeu e de africanos escravizados no Baixo Amazonas pode ser constatado na continuidade da importância imagética e mística envolvendo as origens dos muiraquitãs, artefatos raros, alguns emulando rãs e sapos, que adquiriram uma importância notável na longa duração, sendo um dos itens mais estudados pela arqueologia amazônica, todavia com significados ainda muito pouco acessíveis (Amaral, 2017; Costa *et al.*, 2021).

Aspectos interessantes a esse respeito demonstram que a origem de mitos tem como base um acontecimento real ou mítico, não estando restrito ao seu ponto de origem, grupos sociais ou linguísticos (Schaan, 2014). Como exemplos tomamos as esferas de interações regionais multiétnicas e multilinguísticas, envolvendo trocas, rituais e cosmologias no alto Xingu, alto rio Negro e nas Guianas (Heckenberger, 2011; Koch-Grumberg, 2005). Para a região de Santarém, Nhamundá e Trombetas, sistemas semelhantes envolviam diretamente os Tapajó e Konduri.

No registro histórico, não há menções diretas sobre quais línguas esses grupos falavam (Bettendorff, 2010; Heriarte, 1874). O que sabemos por meio da literatura acerca do tema é que os Tapajó falavam a mesma língua dos Urucucú do rio Arapiuns, que era distinto do idioma falado pelos Konduri (Nimuendajú, 1953, p.56). Tapajó e Konduri cultivaram, por séculos, estreitas relações socioculturais imbricadas em ideologias e cosmologias (Amaral *et al.*, 2020; Bettendorff, 2010; Heriarte, 1874), que eram compartilhadas e propagadas por meio das míticas Icamíabas — do tupi “peito partido” (Tibiricá, 1984) — e tidas como produtoras e detentoras do segredo do muiraquitã, umas das peças centrais no Baixo Amazonas pré-colonial e colonial, que abarca principalmente as fases cerâmicas Tapajó e Konduri da Tradição Incisa e Ponteada.

Um horizonte cerâmico com origem supostamente localizada na bacia do rio Orinoco, na Venezuela (Schaan; Amaral, 2012, p. 17) e amplamente distribuído no Baixo Amazonas entre as cidades de Parintins/AM e Prainha/PA (Amaral, 2017; Nimuendajú, 2004), sendo inicialmente datadas entre os séculos XI e XV d.C. (Alves, 2016, 2020; Guapindaia, 1993).

Dessa forma, o intuito é tentar demonstrar como se criou um “lugar” para o muiraquitã dentro do perspectivismo indígena e no imaginário europeu. Veremos que essa é uma construção histórica e contextual que nos possibilita melhor compreender processos graduais e períodos de alternância de forças que transformaram a ordem social e cultural (Corrêa, 2013) de populações indígenas antes e depois da invasão europeia, que evoluíram para se tornar o principal componente de práticas culturais e sociais intimamente entrelaçadas ao *modus vivendi* Tapajó e Konduri e de outros grupos direta ou indiretamente (Amaral, 2024), que incluía e mesclava vivência cotidiana, fenômenos da natureza e sua interpretação por meio da cosmovisão (Castro, 2017), materializada na forma de objetos de grande relevância social e cultural (Figura 1).

Figura 1. Muiraquitãs antropozoomorfos manufacturados sobre suportes de pedra verde.



Fonte: Museu Paraense Emilio Goeldi; © Mauricio de Paiva; © Márcio Amaral.

O baixo curso do rio Amazonas, na região das Guianas e nas Antilhas (Boomert, 1987; Falci, 2015) desperta grande interesse na pesquisa arqueológica, mormente a existência de refinadas indústrias líticas, de origem pré-colonial, voltadas para a manufatura de objetos lavrados em minerais de cor verde e matiz esverdeada. Sua produção, uso e significado suscitou nas pesquisas arqueológicas, desde muito cedo, uma série de questionamentos acerca de sua origem e relevância em contextos sociais e cosmológicos (Koehler-Asseburg, 1951; Rodrigues, 1875).

Na região de Santarém, o muiraquitã adquiriu uma importância notável em seu contexto de produção, uso e circulação, visto que, mesmo com o “desaparecimento” dos agentes que lhe davam voz, aspectos do cotidiano Tapajó e Konduri foram transmitidos (Figura 2) e incorporados pelo imaginário de terceiros (Amaral *et al.*, 2020).

Figura 2. O imaginário europeu da perspectiva indígena, tendo na região do Baixo Amazonas representada a figura da Icamiaba. Mapa de Theodore de Bry, de 1599.



Fonte: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp).

Desde que os primeiros europeus desceram todo o rio Amazonas pela primeira vez em 1542 até as primeiras pesquisas da arqueologia moderna, uma quantidade fenomenal de exploradores chegou à Amazônia e uma vasta historiografia foi produzida (Barreto; Machado, 2001). O estudo e interpretação dos dados contidos nesses documentos, por se tratarem, na maioria dos casos, de temas secundários e alheios às finalidades das primeiras expedições e entradas, e à posterior negação de uma história indígena de longa duração (Varnhagen, 1978), acabaram gerando um complicador para a pesquisa arqueológica no século XX, dificultando a compreensão de dados históricos, inclusive refutando a existência de culturas pré-coloniais complexas, suas redes de sociabilidades, ideologias e cosmogonias (Roosevelt, 1999; Meggers, 1990), uma colcha de retalhos de histórias de vida e trânsito pelos diversos territórios que a permeiam e acolhem (Barreto *et al.*, 2021; Boomert, 1987; Weissmann, 2018), funcionando como *verdadeiras vias de mão dupla*, por onde fluíam processos de compartilhamentos, influenciando fortemente a cosmovisão coletiva sobre pedras verdes, sinônimos de muiraquitãs em pontos diversos da Amazônia, da costa atlântica e do Caribe (Amaral, 2017; 2024; Boomert, 1987; Falci, 2015)

Embora de qualidade desigual e viés eurocêntrico, o estudo e a interpretação das crônicas e relatos de viagem dos primeiros invasores europeus na calha do rio Amazonas dão o viés introdutório para um entendimento do *status quo* indígena entre os séculos XVI e XIX, podendo ser complementados com trabalhos voltados para o campo etnológico, que podem nos aproximar de um olhar crítico acerca das interpretações históricas e arqueológicas para as terras baixas amazônicas (Fausto, 2000; Fausto; Rodgers, 1999), onde as emblemáticas figura do muiraquitã e ídolos de pedra (Figura 3) se sobressaem no conjunto artefactual da cultura Santarém.

Figura 3. Ídolo de pedra ou vaso de beber de aspecto tridimensional representando homem agachado, em provável transe, sustentado por seu alter ego sáurio, sentado em um tamborete, imbricado de peixe e ave de rapina. Oriundo da região de Óbidos/PA.



Fonte: Nimuendajú, 2004; © Per Stenborg.

Nas terras baixas não se tem o registro da utilização de alfabetos fonéticos anteriores à chegada de Colombo, todavia não poucas sociedades indígenas eram detentoras de complexos padrões iconográficos e mantenedoras de práticas culturais identitárias na longa duração, sendo que os grafismos executados sobre a pele e sobre suportes cerâmicos e líticos formavam um poderoso sistema de comunicação. Marajó, Tapajó e Konduri são exemplos clássicos (Barreto, 2000, 2015; Schaan, 2014), um tipo de “escrita” “dos mitos de origem, acontecimentos sociais, políticos e rituais (Barata, 1950; Pereira, 1942), legíveis e inteligíveis entre grupos culturalmente associados e funcionando de maneira eficaz na propagação de ideias e ideologias (Figura 4) do universo indígena (Almeida, 2013), uma maneira de utilização ordenada das diferentes estéticas da vida cotidiana, em que forma e sentido estão solidamente entrelaçadas no contexto da interação social (Lagrou, 2007).

Figura 4. Pontos de convergência cultural estética e cerimonial entre estatuetas Konduri (1) e Marajó (2). A: pente, B: tiara e corte de cabelo, C: muiraquitã, D: braços atrofiados, E: campo decorativo da pintura corporal.



Fonte: © Cristina de Martini, © Museu Nacional vetorizada por Mayara Sá.

Em contrapartida, gerava um complicador para a mente do invasor ocidental, que interpretava o mundo com base em caracteres fonéticos, transcritos em tinta, pena e papel, como sendo “gregas e/ou romanas”, que não expressam minimamente o propósito contido nesses objetos, não considerando que para essas sociedades os enunciados estéticos sancionam determinadas visões do cotidiano que, em contextos variados, participam da definição das pessoas, assim como de suas relações e produções (Amaral, 2017; Van Velthem, 2010). Logo, as impressões disponíveis na historiografia são construídas basicamente pela ótica inversa daquela da perspectiva indígena.

Ainda assim a ótica ocidental de “interpretar” o universo indígena constitui um modo de abordagem interessante para compreender a importância que certos objetos exerciam sobre uma parcela significativa de antigas populações amazônicas, compondo um quadro baseado no real, simbólico e mnemônico (Laplantine; Trindade, 1997, p. 27), sintetizando e materializando nas pedras verdes cosmovisão e cotidiano, conferindo ao místico “muiraquitã” características sociopolíticas, atuando como veículo ou valores para consolidação de alianças (Boomert, 1987), casamentos, compra de cativos, bem como ser portador de funções mágico-religiosas como símbolo provável de fertilidade, preventivo de enfermidades renais, melancolia, raiva, epilepsia, fluxo menstrual, curativo contra peçonha de cobra, capaz de aumentar a lactação, além de tornar importante quem o carrega (Amaral, 2017, p. 52). Ou seja, o objeto seria a personificação de uma espécie de tônico e antídoto para várias moléstias e males de ordem física e psicológica, bem como seria capaz de proporcionar status social diferenciado ao seu portador:

Ainda hoje para muitos o muirakytã é uma pedra sagrada, tanto que o indivíduo que a traz no pescoço, entrando na casa de algum tapuyo, se disser: muirakytã katu, é logo muito bem recebido, respeitado e consegue tudo quanto quer (Rodrigues, 1889, p. 25).

No entanto, por um longo período a importância e complexidade das indústrias líticas do Baixo Amazonas foram direcionadas para a estética de objetos inteiros, as cadeias operatórias de produção não recebendo a devida atenção por parte dos investigadores profissionais, dado os modelos teóricos vigentes (Lima *et al.*, 2016; Meggers, 1990) e a predileção pela cultura material cerâmica (MacDonald, 1972; Palmatary, 1950).

Essa problemática foi muito pouco abordada na região de Santarém, e tem nos trabalhos de Koehler-Asseburg (1951), Barata (1954) e Palmatary, (1960), importantes referências, seguidos de pesquisas recentes realizadas na região da foz do Tapajós (Amaral, 2017; Moraes *et al.*, 2014; Silva, 2016) e na calha do rio Trombetas (Rodet *et al.*, 2019).

No século XX a etnografia contribuiu para a retomada de várias questões concernentes aos usos e costumes entre populações indígenas remanescentes (Koch-Grunberg, 2005; Nimuendajú, 2004; Pereira, 1942). Uma dessas questões diz respeito ao porquê da importância dada aos objetos de pedra verde, já que, mesmo decorridos mais de cinco séculos desde o início da invasão europeia e tendo caído no esquecimento um universo de mitos, os muiraquitãs prosseguem no imaginário atual envoltos em uma aura de mistério, encantamento e respeito.

Isso se explica, em parte, pela preocupação então existente entre populações indígenas do Baixo Amazonas com a manutenção constante de suas tradições e cultura material por meio de padrões iconográficos (Barata, 1950; Pereira, 1942) e da tradição oral, com seus guardiões formais da memória coletiva, que repassavam diariamente aos mais jovens os conhecimentos relativos à história ancestral, social e política do grupo, “*que todos ouvem com atenção, e lhes faz uma indelével impressão*” (Noronha, 1768, p. 7).

A perenidade dos muiraquitãs entre as sociedades amazônicas ultrapassou a barreira física, temporal e real do objeto em si, tornando-se uma representação icônica e mitológica que foi absorvida ou espelhada em parte pelo invasor europeu e posteriormente por escravos de origem africana, fugitivos de cidades e fazendas no Baixo Amazonas (Bates, 1979), e portadores de imaginário próprio, que passaram a casar com mulheres indígenas, a incorporar aspectos culturais e a ressignificar sítios arqueológicos e a cultura material presente nas terras pretas das antigas aldeias relacionadas às ocupações Tapajó e Konduri (Bitencourt, 2017; Lima, 2013), ocasionando processos de interculturalidades nas Amazônia colonial e atual.

Atualmente populações cabocas e quilombolas de Santarém e do Trombetas geralmente estão assentadas sobre sítios arqueológicos de terra preta indígena, e suas relações com a cultura material e imaterial Tapajó e Konduri são estreitas, presentes abaixo de suas moradias, roçados, bem como nos sistemas de manejo agroflorestais, técnicas de caça, pesca, plantios, hábitos alimentares etc., conformando processos de fruição, incidindo no ordenamento de parte do cotidiano desses grupos na atualidade. Reflexos das ontologias compartilhadas no passado entre Tapajó e Konduri por meio de uma linguagem sociocultural (Barreto, 2015; Bezerra, 2013; Schaan, 2014; Schaan; Alves, 2015), que pode ser desnudada ao analisarmos o conjunto artefactual cerâmico imbricado nas figuras tridimensionais dos muiraquitãs e ídolos de pedra (Fonseca, 2010), que, dependendo do ângulo, se transformam em representações humanas, não humanas e híbridas.

Figura 5. Muiraquitã antropozoomorfo de tamanho incomum (7cm), recuperado nas proximidades do rio Iriri, um afluente da margem esquerda do rio Xingu. Um segundo exemplar com as mesmas proporções, matéria prima e cadeias operatórias de produção correlatas, foi encontrado no município de Belterra, e está na coleção do Museu Paraense Emílio Goeldi.



Fonte: © Márcio Amaral.

A partir do século XVI, a historiografia (Carvajal, 1984) começa a relatar e a disseminar no imaginário europeu a existência não comprovada de grupos formados exclusivamente por mulheres entre as sociedades indígenas do Baixo Amazonas, mesmo sem se darem conta, estes autores, que estavam operando interculturalidades ao fundirem as Icamiabas amazônicas com as amazonas gregas (Lemes, 2022, p. 57).

Ressalta-se que, apesar do relato alegórico do frade Carvajal, as Icamiabas e os muiraquitãs estão presentes na oralidade e na cultura material Tapajó e Konduri, com representações que mesclam figuras antropomorfas e zoomorfas (Fonseca, 2010), cujas origens são muito anteriores à chegada dos primeiros invasores europeus na Amazônia no início do século XVI (Boomert, 1987).

Atualmente o registro arqueológico nos permitem sustentar, com evidências e datações, que a iconografia ritual cerâmica e lítica Tapajó e Konduri relacionada ao muiraquitã e às Icamiabas antecede em sete séculos (Amaral, 2024) a chegada dos primeiros europeus à foz do rio Amazonas. Portanto, não pode ser definida como derivações dos mitos das Amazonas Gregas e Valquírias germânicas, presentes no imaginário coletivo de grupos indo-europeus com raízes no Oriente Médio (Lemes, 2022; Noronha, 1768).

A PERENIDADE DO MUIRAQUITÃ

A dizimação e desarticulação dos povos Tapajó e Konduri como unidades culturais associadas e produtoras de muiraquitã não impediu que a importância do objeto persistisse e sua influência se espalhasse. Isso é visto tanto no registro arqueológico (Costa *et al.*, 2021; Schaan; Amaral, 2012; Veiga, 2011) como no cotidiano de comunidades e cidades paraenses, onde ao muiraquitã são atribuídos poderes, e é repetidamente espelhado sobre os mais variados suportes (Weissmann, 2018), que são transportados para locais distantes do seu ponto de origem e corriqueiramente ofertados como regalo especial a pessoas queridas. Esses gestos são repetidos de maneira intencional ou subjetiva

há incontáveis gerações, inserindo continuamente o objeto mítico em novas redes informais de sociabilidade, dessa forma assegurando à emblemática figura, sua permanência na longa duração e no imaginário coletivo de parcela significativa da sociedade nacional (Figura 6).

Figura 6. Muiraquitãs de cerâmica e conchas comercializados na cidade de Santarém, grupo maracatu muiraquitã de Minas Gerais e muiraquitã de arqueologia experimental, elaborado sobre suportes de concha e jadeíta.



Fonte: ©Anderson Márcio Jr. © maracatu muiraquitã, © Márcio Amaral.

Um fato nos chama atenção: embora amplamente conhecido, e funcionando como meio circulante altamente valorizado e cobiçado, havia (e ainda há) a crença de uma origem fantástica atribuída a esses objetos, mesmo entre grupos indígenas que ocupavam áreas imediatamente próximas às regiões onde eram produzidos. Essa era uma maneira provável das políticas utilizadas pelas chefias regionais Tapajó e Konduri de justificarem que as origens intangíveis para os muiraquitãs seriam propagadas por meio das mitológicas Icamiabas em locais próximos ou afastados dos centros de produção no Baixo Amazonas, suscitando a ideia de uma espécie de controle acerca da aquisição de matéria-prima, manufatura, estilo, circulação e rotas de distribuição.

O rígido controle de rotas por onde fluíam muiraquitãs e pedras verdes na região do Baixo Amazonas encontra subsídios nos trabalhos de La Barre e Pierre Grenand (Ricardo, 1983), em que ambos afirmam que a guerra ocorrida no século XVII entre os Galibi (Kalina) e Palikur teve como uma das causas as pedras verdes. Os Galibi, falantes de língua Caribe e originários do norte das Guianas, queriam ter acesso direto aos grupos Tupinambá, produtores da região da foz do rio Amazonas e do Baixo Tocantins, e a grupos de línguas não identificadas, provavelmente Tapajó e Konduri, que produziam por contrato ou encomenda mútua contas diversas, vasos de beber, pássaros, rãs

e outras figuras (Heriarte, 1874, p. 37), sendo os Galibi barrados pelos Palikur de língua Aruaque, assentados na região litorânea do Amapá e controladores das rotas direcionadas para o norte das Guianas (Ricardo, 1983, p. 21).

Na região das Guianas, grupos de línguas caribe controlavam rotas na zona costeira e nos cursos fluviais, permutando com os europeus e aplicando política excludente aos grupos rivais desse circuito, isso apesar das tentativas dos Manaó, de língua aruaque, de quebrar o monopólio comercial dos caribes via holandeses no rio Essequibo (Rostain, 2014; Whitehead, 1993). Na bacia do rio Tocantins, havia inclinação belicosa generalizada entre populações que ordinariamente moviam guerra umas contra as outras, “*em defesa das suas pedreiras, que estimam por se servirem das pedras de fogo ou sílex*” (Noronha, 1768). As informações contidas nesses trabalhos atestam a complexidade interétnica na qual as redes de sociabilidades de longo alcance e fontes de matéria prima estavam inseridas, e a importância dada por esses grupos em mantê-las sob controle, ocasionando inclusive eventos prolongados de guerra.

O acesso à compreensão aproximada de como funcionavam as antigas redes de sociabilidade a partir da região de Santarém e sua relação provável com outras áreas, a montante e a jusante, encontra parâmetros nos sistemas multiétnicos da Amazônia atual (Heckenberger, 2011), e, guardadas as distâncias socioculturais, temporais e geográficas, no estudo comparado das etnografias produzidas na região da Papua-Nova Guiné, envolvendo sistemas de sociabilidades entrelaçados aos machados de pedra cerimoniais, valorizados e amplamente “comercializados” como objetos de prestígio intangíveis com importância social e simbólica (Amaral, 2017; Burton, 1984) similar ao muiraquitã amazônico.

O provável controle e acesso restrito às fontes atuais de matéria-prima de localização incerta,¹ ou desconhecida, e de oficinas de produção de muiraquitã na cidade de Ocara Açu (Santarém), antigo centro político dos Tapajó (Amaral, 2024), e imediações, com o artefato pronto e circulando em várias direções o produziu no cotidiano indígena — e, depois, no imaginário europeu e de africanos escravizados no Baixo Amazonas —, que os muiraquitãs seriam feitos de uma “argila” retirada no fundo de um lago, que endurece em contato com o ar, ou ainda espécies vivas de animais que se petrificavam a partir de uma gota de sangue das Icamiabas (Amaral, 2017). Perpassando a ideia do domínio e controle das cadeias operatórias de produção de muiraquitã pelas mulheres, sendo algo intangível a outros grupos, dessa maneira preservando-se o “segredo” da origem das pedras verdes, amparada pela crença amplamente difundida de uma origem intangível, com poderes sobrenaturais conferidos aos muiraquitãs entre os grupos não produtores.

AS ORIGENS MÍTICAS DO MUIRAQUITÃ

A origem mítica para as pedras verdes no baixo Amazonas está fundada na tradição pan-amazônica da Boiuna, ou cobra mãe (Figura 7), expressa pela tradição oral e que viveria nas profundezas do lago Yaci Uaruá (espelho da lua), localizado — dependendo da variante do mito — em um ponto dos rios Nhamundá, Amazonas e Tapajós (Rodrigues, 1899).

No lago *Yacyuaruá* reuniam-se as Amazonas em certa época do ano, em determinada fase da lua, e depois de dias de expiação faziam uma festa dedicada á lua, e á *mãe do muyrakyatã*, que no fundo do lago habitava. Finda a festa, quando as águas estavam límpidas e n’ellas, como em um espelho, a lua se reflectia, todas as Amazonas se lançavam no lago e iam ao fundo receber das mãos

¹ Notas de campo, de 2011, não publicadas, de pesquisas desenvolvidas na região de Breu Branco/PA, que identificaram uma grande pedreira de quartzito verde.

da *mãe dos muyrakytã* os mesmos, com as formas que desejavam. Sabiam molles, mas em contacto com o ar endureciam (Rodrigues, 1899, p. 30).

Outra variante do mito nos conta que os muiraquitãs estariam vivos em um lago, e que uma gota de sangue das Icamiabas os transformava em pedra:

No lago *Yacyuaruà* os muyrakytã existiam vivos, como peixes, e que as Amazonas reunidas em torno do lago, feriam uma parte do corpo e lançando o sangue na agua, aquelle, sobre o qual este cabia, parava. Então a mulher lançava-se n'agua e o apanhava, e com elle presenteava o homem que lhe linha feito ser mãe de uma filha, porque os filhos eram rejeitados ou mortos (Rodrigues, 1899, p. 30).

Figura 7. Provável representação da cobra mãe dos muiraquitã, tendo uma Icamiaba agarrada ao corpo da Boiuna.

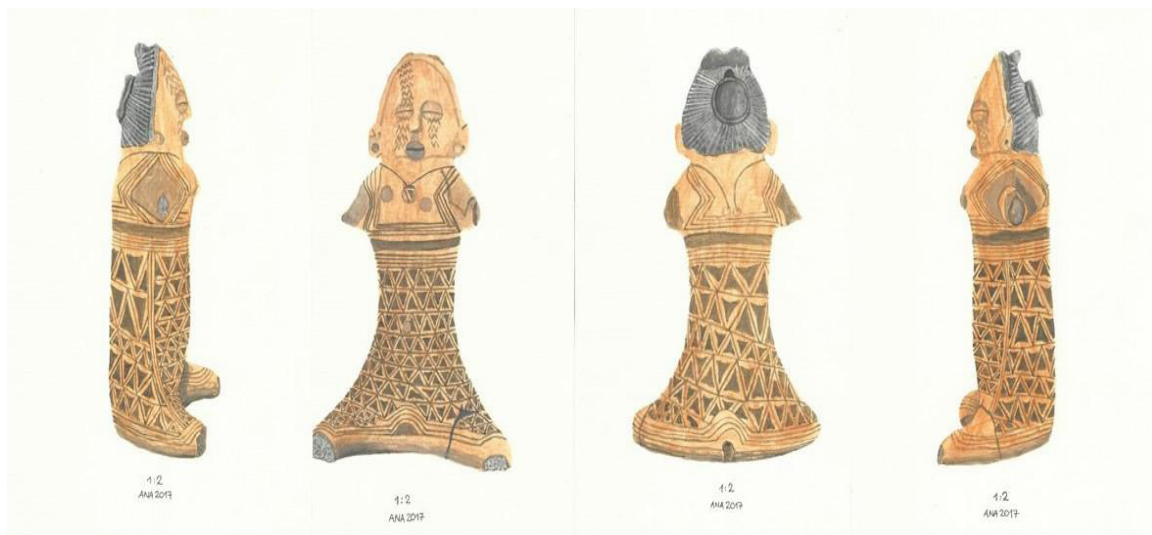


Fonte: Nimuendajú, 2004; © Per Stenborg.

Nota: Ídolo em arenito da formação Alter do Chão. 14cm, Óbidos/PA.

Nas duas versões do mito a origem do muiraquitã está situada nas regiões de Santarém, Nhamundá e Trombetas (Heriarte, 1874, p. 38; Rodrigues, 1889, p. 30). Em Santarém as pesquisas arqueológicas recentes corroboram que a cidade é umas das áreas de produção, uso e dispersão de muiraquitãs (Amaral, 2017; Moraes *et al.*, 2014). Também é um indício a cultura material, em que figuras antropomorfas ou duais são retratadas usando muiraquitãs no pescoço e na cabeça (Figura 8), paramentadas com pintura corporal complexa, contendo padrões geométricos emulando uma cobra (*Bothrops jararaca*²) enrodilhada ao corpo da mulher, cujos seios estão intencionalmente posicionados de forma assimétrica, fazendo-se dos olhos da serpente, devorando o pequeno muiraquitã que ela traz pendente ao pescoço por um fio ou colar de sustentação, que na parte posterior apresenta duas contas que não estão amarradas. Causa a impressão de aspecto estático (provavelmente morta), com olhos e boca inchados no estilo grãos de café, tendo a face pintada em linhas geométricas do alto da testa, perpassando pelos olhos até o queixo, sugerindo a provável utilização de máscara, e reforçando a ideia de pessoas morta (Amaral, 2024, p. 120). A figura apresenta um penteado elaborado, preso a um coque na nuca, encimado por um grande pente, similar aos registrados por Walter Bates (1979) entre as indígenas Tapajó do bairro Aldeia na segunda metade do XIX (Amaral, 2024).

Figura 8. A Cunhã vestida de cobra: estatueta de base semilunar, de provável estilo Konduri



Fonte: Óbidos/PA, vetorizada por Anna Mendonça; ©Amaral (2024).

Por outro lado, a inserção desses objetos como os mais desejados nos sistemas de sociabilidades ficava a cargo dos homens fecundadores das mulheres sem maridos, lançando as pedras verdes que circulavam de maneira contínua em várias direções (Boomert, 1987). Cabe aqui mencionar que grupos Tupi, grandes produtores, usuários e dispersores de tembetás, botoques, pulseiras e colares de contas feitos a partir de pedras verdes, tinham versão própria para a origem mítica desses objetos, fundada no demiurgo Curupira (primeiros homens), que implicaria em sérios riscos de morte para a sua obtenção e um feito intangível a uma pessoa comum (Hart, 1885, p. 155).

² O padrão da *Bothrops jararaca* foi identificado pelo herpetólogo Iuri Debien Valente, do Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio).

O MUIRAQUITÃ NO VELHO MUNDO

As primeiras pedras verdes de que se tem registro foram levadas da América Central pelos espanhóis, por quem eram conhecidas como pedras *rajadas*, ou nefríticas (Rodrigues, 1899). Da América Central, o “interesse” europeu, espalhou-se para as Antilhas e América do Sul, de onde eram transportadas para a Europa (Koehler-Asseburg, 1951). A bordo de caravelas, os muiraquitãs cruzaram o oceano Atlântico por séculos, não aleatoriamente, mas fomentados pelo ponto de vista indígena que lhes conferia agência, gerando processos de interculturalidades e fixando no imaginário dos invasores as qualidades mágico-terapêuticas das pedras verdes.

Athé esta provincia chegam náos de alto bordo, e por este rio dos Tapajós vam quatro jornadas a resgatar madeiras, redes, orucús, e pedras verdes, que os índios chamam de *buraquitas*, e os estrangeiros do norte estimam muito (Heriarte, 1874, p. 37).

Na Europa os muiraquitãs eram moídos e utilizados como instrumentos terapêuticos contra cálculos renais, epilepsia, gota etc., transformando o valor simbólico do muiraquitã em moeda corrente, fato que pode ter contribuído para uma expressiva diminuição na quantidade de muiraquitãs e, ao mesmo tempo, aumentado a crença no imaginário coletivo de que eles seriam feitos de uma espécie de barro (Heriarte, 1874, p. 19; Rodrigues, 1899, p. 23).

Em Santarém, no rio Xingu, no Amapá e nas Guianas há registros de que eram enterrados com seus donos, transportando sua importância para outro plano (Boomert, 1987; Costa *et al.*, 2021; Nimuendajú, 2004; Veiga, 2012), um procedimento ritual mantido em período colonial na região do Amapá, onde vasos funerários continham muiraquitãs, fragmentos, contas de vidro e ferramentas de origem europeia (Nimuendajú, 2004).

No século XIX as redes de sociabilidades de longo alcance já haviam entrado em colapso em seu eixo principal, e as áreas produtoras no baixo Amazonas, localizadas próximas à calha principal, provavelmente haviam perdido o acesso às fontes de matérias-primas e às técnicas de manufatura, abandonadas e/ou esquecidas, à exceção de áreas nos cursos superiores dos rios Nhamundá-Trombetas, onde Curt Nimuendajú (2004) registrou que grupos indígenas preservaram até tardiamente as técnicas de manufatura aplicadas às cadeias operatórias de produção lítica, com uma iconografia que os remete aos clássicos ídolos da cultura Santarém.

Figura 9. Estatueta lítica zooantropomorfa de morcego alado/humano, coletada por Curt Nimuendajú no início do século XX entre grupos do Alto Trombetas, que ainda dominavam as cadeias operatórias de produção lítica desses objetos.

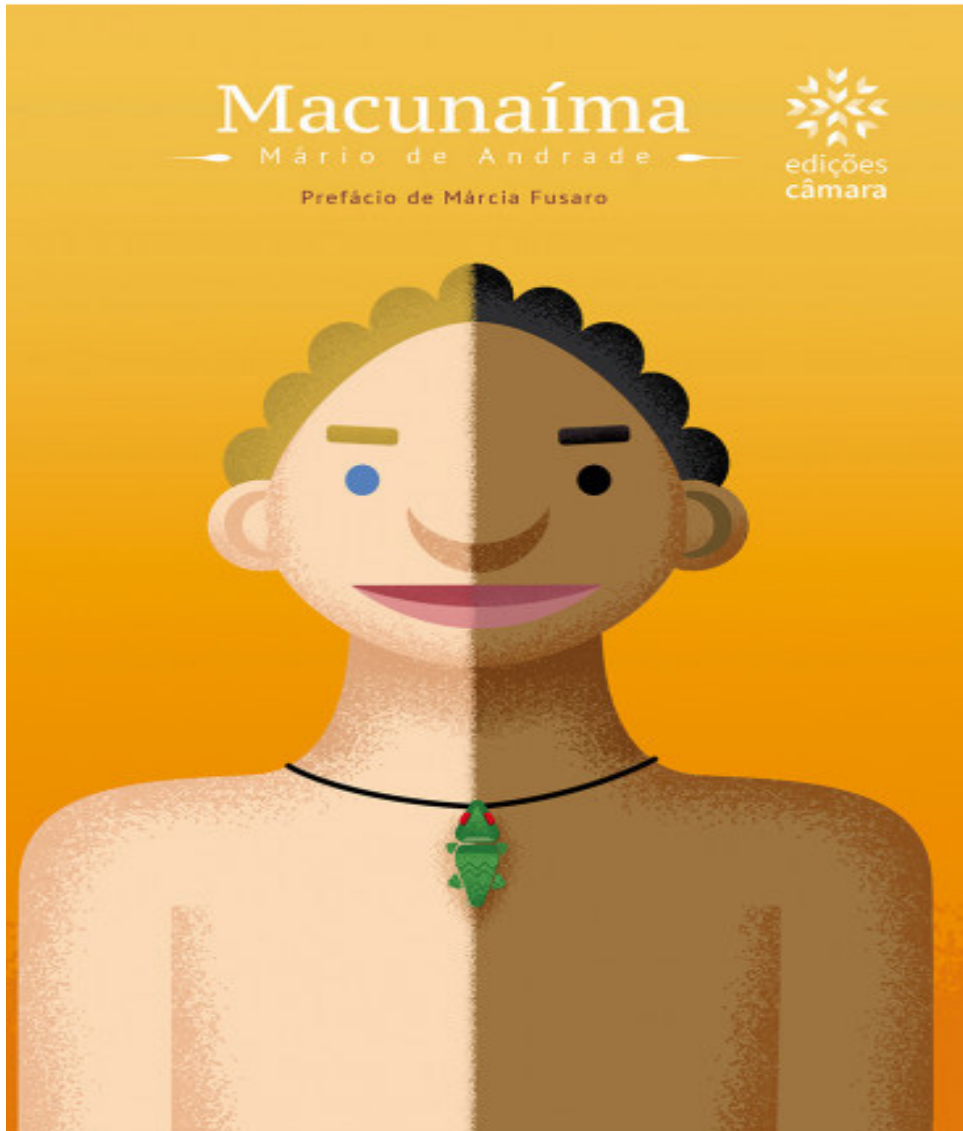


Fonte: Världskulturmuseet Göteborg; © Per Stenborg.

No século XIX o muiraquitã e as Icamiabas eram temas que ocupavam um lugar de destaque no meio acadêmico e na política da corte imperial brasileira, tanto que imperador D. Pedro II entregou um programa para os sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que estabeleceu pesquisas em sítios arqueológicos da Amazônia, e os resultados deveriam ser utilizados como reforço ao ideário de uma nação com passado civilizado e glorioso (Langer, 2004). Rodrigues esteve na Amazônia entre os anos 1872 e 1875 em uma missão científica do governo imperial, buscando as origens do muiraquitã e as Icamiabas, suas produtoras. Na vila de Alter do Chão obteve, por meio de emissários, dois muiraquitãs: o primeiro ele carregava encastado à corrente do relógio, e com o segundo presenteou a princesa Isabel (Rodrigues, 1889). No início do século XX o muiraquitã persistia no imaginário brasileiro, sendo parte importante do movimento modernista, em que esse artefato, ao ser colocado no lábio inferior de Macunaíma (Andrade, 1978; Farias, 2019) adquiriu uma função prática (ideológica) nova, fundindo nesse aspecto as culturas Tapajó e Tupinambá, o que implica na continuidade temporal e persistência do objeto no imaginário coletivo de terceiros, muito além da sua região de origem.

Na atualidade o conceito aplicado ao muiraquitã em Santarém se utiliza da representação emblemática e enigmática da rã verde ou sapo, garantindo, dessa maneira, que, a despeito da negação de um passado indígena glorioso, o extermínio e resistência diante da invasão europeia, a incorporação forçada à sociedade nacional ou o “apagamento” intencional da cultura de antigas populações amazônicas, a perda da cognição dos modos de produção e o colapso nas redes de sociabilidades. O muiraquitã continua presente no cotidiano e imaginário coletivo, envolto em uma aura de mistério e magia.

Figura 10. Capa do livro *Macunaíma*, em que o herói sem caráter usa o muiraquitã em forma de jacaré, que foi a ele dado como presente por sua companheira, Ci.



Fonte: Reprodução da internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As origens das importâncias social e cultural depositadas na figura do muiraquitã a partir de centros de produção identificados pela pesquisa arqueológica no Baixo Amazonas (Amaral, 2017; Moraes *et al.*, 2014) certamente têm suas raízes em processos socioculturais na longa duração, sendo uma parte indissociável do complexo tecido social do período pré-colonial tardio Tapajó e Konduri, iniciado por volta do século VII da era cristã, e plenamente estabelecido como região de influência sociocultural indígena no século XVI, coincidindo com a chegada dos primeiros invasores europeus na Amazônia (Amaral, 2018).

Os muiraquitãs como entidade mitológica intrincada na materialidade das pedras verdes (e outras matérias primas) apresentam essencialmente características ontológicas e cosmogônicas, produzidas e sistematizadas a partir das vivências cotidianas de Tapajó e Konduri, que também incorporaram elementos socioculturais de grupos indígenas antecessores e contemporâneos.

Esses povos também atribuem a eles características tangíveis e intangíveis intencionalmente depositadas no imaginário de terceiros, tornando-se um elemento-chave nas ontologias indígenas do Baixo Amazonas, resistindo a cinco séculos de repressão colonial, imperial e republicana e se perenizando no imaginário coletivo atual como um aglutinador de funções diversas, inclusive em movimentos de resistência e ressurgimento de grupos indígenas e quilombolas no Baixo Tapajós, pois a tradição funciona como mantenedora do imaginário, como elo entre o passado e o presente, não só em termos de tempo e espaço, mais também culturalmente; como elo de culturas do passado e atuais, ou seja, ela estreita os laços entre a oralidade, a etnologia e a arqueologia (Frickel, 1964, p. 471).

Santarém, área de convergência e irradiação cultural em tempos pretéritos e atuais, funciona como um dos centros de produção e dispersão de muiraquitã em períodos pré-coloniais e atuais no Baixo Amazonas, hodiernamente se utiliza a imagem e nome do muiraquitã como um veículo propagador de sua herança cultural milenar, inserindo o termo e representações formais do objeto no cotidiano regional e nacional.

Figura 11. Orla da cidade de Santarém, que se utiliza fartamente da figura do muiraquitã como herança cultural tapajônica



Fonte: © Anderson Márcio JR.

E, segundo Fernandes (2012, p. 51):

Isso implica dizer que, tal qual a memória, o imaginário têm uma relação com o individual e, ao mesmo tempo, com o coletivo, pois está vinculado ao sujeito, como formulador ou receptor de imagens a partir do real.

A memória coletiva não inventa, todavia registra e conserva, favorecendo ao indivíduo manejar livremente suas relações simbólicas a si mesma (Leroi-Gourhan, 1981), uma perspectiva holística cujas origens prováveis foram depositadas e processadas no cerne da coletividade, operando como centro de fruição contínua para a manutenção e reinvenção cultural do pensamento e os modos de conhecer Tapajó e Konduri, uma espécie de fio condutor ligando com firmeza o passado à coletividade nacional no presente.

Muiraquitã Katu...

AGRADECIMENTOS

Aos Tapajó e Konduri do passado e do presente. Somos gratos ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá pelo apoio institucional; a Geórgia Layla, Eduardo Tamanaha e Marco Fontanella; a Márcia Bezerra, Cristiana Barreto e Helena Pinto Lima (minha orientadora de mestrado) pela leitura, revisão e comentários ao manuscrito; à Julia Ávila pela revisão do resumo em inglês; e a Per Stenborg, por gentilmente ceder algumas imagens e informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fernando Ozorio de. *A Tradição Polícroma no alto rio Madeira*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ALVES, Marcony Lopes. *Entre Konduri e Santarém: O vaso de gargalo no Baixo Amazonas*. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- ALVES, Marcony Lopes. Revisitando os alter egos: figuras sobrepostas na iconografia Konduri e sua relação com o xamanismo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 15, n. 3, 2020.
- AMARAL, Anderson Márcio. *Contextualização espacial, histórica e tecnológica dos muiraquitãs amazônicos*. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, PA, 2017.
- AMARAL, Anderson Márcio. A ecologia de assentamentos, interações sociais ameríndias e o contexto geográfico dos muiraquitãs no baixo Amazonas. *Cadernos do Lepaarq*, v. 15, n. 30, p. 121-141, 2018.
- AMARAL, Anderson Márcio. *Os Tapajó enterravam seus mortos?: reflexões sobre tratamentos funerários entre os Tapajó*. 2014. Dissertação (Mestrado em Diversidade Sociocultural) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2024.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Coordenação Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BAENA, Antonio L. Monteiro. Resposta ao Ilmo. e Exmo. Sr. Herculano Ferreira Penna, Presidente da Província do Pará, sobre a comunicação mercantil entre a dita província e a de Goyaz, dada pelo Sr. tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, membro correspondente do instituto. *Revista do IHGB*, t. 10, p. 80-107, 1848.
- BARATA, Frederico. A arte oleira do Tapajós I: considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Belém: [s. n.], 1950. (Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 2).
- BARATA, Frederico. O muiraquitã e as “contas” dos Tapajó. *Revista do Museu Paulista*, v. 8, Nova Série, p. 229-259, 1954.
- BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia brasileira. *Revista USP*, v. 44, n. 1, p. 32-51, 2000.

- BARRETO, Cristiana. Figurine Traditions from the Amazon. In: INSOLL, Timothy. (ed.). *The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines*. Oxford (GB): Oxford University Press, 2015.
- BARRETO, Cristiana; MACHADO, Juliana. Exploring the Amazon, Explaining the Unknown: Views from the Past. In: MCEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo (ed.). *Unknown Amazon, Nature and Culture in Ancient Brazil*. London (GB): British Museum Press, 2001.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. Koriabo Ceramics, Carib Multiethnic Interaction Spheres and the Colonial Enterprise in the Lower Amazon. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the Amazon River*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2021. p. 245-264.
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- BETTENDORFF, João Felipe. Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 2010.
- BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 7, n. 1, p. 107-122, 2013.
- BITENCOURT, Daiane Brum. *Remédios da terra, amuletos e medicina popular: a etnofarmacobotânica nas artes de curar dos amazônidas entre Oriximiná (PA) à Nhamundá (AM), 1870-1940*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BOOMERT, Arie. Gifts of the Amazons: “Green Stone” Pendants and Beads as Items of Ceremonial Exchange in Amazonia and the Caribbean. Port of Spain (TT): University of the West Indies, 1987.
- BURTON, John. *Axe Makers of the Wahgi: Pre-Colonial Industries of the Papua New Guinea Highlands*. 1984. PhD (Thesis) – Australia National University, Canberra (AU), 1984.
- CARVAJAL, Gaspar de. *Descubrimiento del rio de las Amazonas*. Bogotá (CO): Prensas de la Biblioteca Nacional, 1984.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- CORRÊA, Ângelo Alves. *Longue durée: história indígena e arqueologia*. *Ciência e Cultura*, v. 65, n. 2, 2013.
- COSTA, Marcondes Lima da; KIPNIS, Renato; VALENTE, Glayce Jholy S. S.; SILVA, Tallyta Suenny Araújo da; RODRIGUES, Suyanne Flávia Santos; SCHAAN, Denise Pahl. Um muiraquitã em seu contexto arqueológico no lendário amazônico. *Amazônica*, v. 13, n. 1, p. 101-120, 2021.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (ed.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- D’EVREUX, Yves. *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 para le pere Yves d’Evreux*. Publié d’après l’exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis. Paris (FR): A. Franck et Albert Herold, 1864.
- DREYFUS, Simone. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana ocidental. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de; CUNHA, Maria Manuela (org.). *Amazônia: Etnologia e história indígena*. São Paulo: FAPESP, 2016. p. 19-42.
- FALCI, Catarina Guzzo. *Stringing Beads Together: A Microwear Study of Bodily Ornaments in Late Pre-Colonial North-Central Venezuela and North-Western Dominican Republic*. 2015. Dissertation (MA in Archaeology) – Leiden University, Leiden (NL), 2015.

- FALCI, Catarina Guzzo; RODET, Maria Jacqueline. Adornos corporais em Carajás: a produção de contas líticas em uma perspectiva regional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 11, n. 2, 2016.
- FARIAS, Dália Poliane Feitosa. *Macunaíma, nos rastros da Cobra Grande*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Sociais e suas Humanidades) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FAUSTO, Carlos; RODGERS, David. Of Enemies and Pets: Warfare and Shamanism in Amazonia. *American Ethnologist*, v. 26, n. 4, p. 933-956, 1999.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. *Largueza e lassidão: a mitopoética dos espaços das águas*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Crônicas da França equinocial: imaginários dos religiosos franceses na Amazônia oriental no século dezessete. *Gragoatá*, v. 17, n. 33, p. 47-62, 2012.
- FONSECA, João Aires da. As estatuetas líticas do baixo Amazonas. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini (org.). *Arqueologia amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. p. 235-257. v. 2.
- FRIEDE, H. M. Iron-Smelting Furnaces and the Metallurgical Traditions of the South African Iron Age. *Journal of the South African Institute of Mining and Metallurgy*, p. 372-381, 1979.
- FRIEKEL, Protásio. Tradição Tribal e arqueologia no Tumucumaque. *Revista do Museu Paulista*, v. 14, n. spe, p. 471-491, 1964.
- GOMES, Denise Maria Cavalcante. Bibliografia Sobre a Cultura Santarém: História e Perspectivas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 7, p. 155-166, 1997.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. *Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: a coleção “Frederico Barata” do Museu Paraense Emílio Goeldi*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas/PA*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUSS, David M. *To Weave and Sing: Art, Symbol, and Narrative in the South American Rainforest*. Berkeley (US): University of California Press, 1990.
- HARTT, Carlos Frederico. Contribuição para a Ethnologia do Valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 6, p. 1-174, 1885.
- HECKENBERGER, Michael. Forma do espaço, língua do corpo e história xinguana. In: FRANCHETTO, Bruna (org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do Índio; Funai, 2011.
- HERIARTE, Maurício de. *Descrição do estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas*. Viena (AT): Imprensa do Filho de Carlos Gerold, 1874.
- KOEHLER-ASSEBURG, Iris. O problema do Muiraquitã. *Revista do Museu Paulista*, v. 5, Nova Série, p.199-220, 1951.
- KOCH-GRUNBERG, Theodor. *Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905)*. Manaus: EDUA; FSDB, 2005.
- LABAT, Jean-Baptiste. *Voyage du Chevalier des Marchais en Guinée, isles voisines, et à Cayenne, fait en 1725, 1726 et 1727*. Paris (FR): Chez Saugrain, 1730. 4 t.

- LA CONDAMINE, Charles-Marie de. Relatório abreviado de uma viagem pelo interior da América Meridional desde o litoral do mar sul até o litoral do Brasil e da Guiana descendo o rio das Amazonas. *Cadernos de Tradução*, v. 43, n. spe, p. 41-50, 2023.
- LAGROU, Els. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- LANGER, Johnni. O mito do Eldorado: origem e significado do imaginário sul-americano (século XVI). *Revista de História*, n. 136, 1997.
- LANGER, Johnni. As amazonas: história e cultura material no Brasil oitocentista. *Mneme*, v. 5, n. 10, 2004.
- LAPLATINE, François; TRINDADE, Lina. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LEMES, Aline Alves. *Lope de Aguirre: entre sonhos dourados e desilusões tirânicas: um rebelde na Amazônia do século XVI*. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, 2022.
- LEROI-GOURHAN, André. *Pré-história*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, 2020.
- LIMA, Aldo Luciano Corrêa de. Terra de negro – preta terra: o uso da terra preta como instrumento de fortalecimento da identidade quilombola no município de Santarém. *Amazônica*, v. 5, n. 1, 2013.
- LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana; BETANCOURT, Carla Jaimes. Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN; Ministério da Cultura, 2016. p. 19-32.
- LINNÉ, Sigvald. Les Recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. *Journal de La Société des Americanistes de Paris*, t. 20, p. 71-91, 1928.
- LOPES, Raymundo. A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, v. 1, n. 2, p. 87-109, 1924.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001.
- MACDONALD, Regina. The Order of Things: An Analysis of the Ceramics from Santarém, Brazil. *Journal of the Steward Anthropological Society*, v. 4, n. 1, p. 39-47, 1972.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Ubu, 2018.
- MARTIUS, Carl Friederich Philipp von; EICHLER, August Wilhelm; URBAN, Ignatz (ed.). *Flora brasiliensis*. [S. l.]: R. Oldenbourg, 1906. 40 v.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-312.
- MEGGERS, Betty J. Reconstrução do comportamento locacional pré-histórico na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 6, p. 183-203, 1990.
- MEGGERS, Betty J. Prehistoric Population Density in the Amazon Basin. In: VERANO, John W.; UBELACKER, Douglas H. (ed.). *Disease and Demography in the Americas*. Washington, DC (US): Smithsonian Institution Press, 1992. p. xx-xx.

- MENSE, Hugo. Língua mundurucú: vocabulários especiais, vocabulários apalai, uaboi e maué. *Arquivos do Museu Paranaense*, v. 6, 1947.
- MÉTRAUX, Alfred. Contribution à l'étude de l'archéologie du cours supérieur et moyen de l'Amazonie. *Revista del Museo de La Plata*, v. 32, p. 145-185, 1930.
- MORAES, Claide; AMARAL, Márcio; SANTOS, Rogério. Os artesãos das Amazonas: a diversidade da indústria lítica os tapajó e o muiraquitã. In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGÍA AMAZÓNICA, 3., 2014. *Anais [...]*. Quito (EC): Instituto Francés de Estudios Andinos, 2014.
- NETO, Ladisláu. Le Muséum National de Rio-de-Janeiro et son influence sur les sciences naturelles au Brésil. Paris (FR): Forgoten, 2018.
- NETO, Ladisláu. Investigações sobre a arqueologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 7, 1885.
- NIMUENDAJÚ, Curt. In *Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*. [S. l.]: Elanders Infologistik, 2004.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Os Tapajó. *Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 53-61. Disponível em: <http://www.etnolingustica.org/bibliog:nimuendaju-1953-tapajo>. Acesso em: 4 abr. 2024.
- NORONHA, José Monteiro de. Roteiro da viagem da Cidade do Pará, até as últimas e colônias do sertão da província. Pará: Typographia de Santos e Irmãos, 1768.
- PADRE JOÃO DANIEL. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 2 v.
- PALMATARY, Helen. The Archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, New Series, 1950.
- PEREIRA, André. Relação do que há no rio das Amazonas novamente descoberto no ano de 1616. *Anais da Bibliotheca e Archivo Público do Pará*, v. 1, 1902.
- PEREIRA, Manoel Nunes. *Ensaio de Etnologia Amazônica*. 2. ed. Manaus: Imprensa Pública, 1942.
- PEREIRA, Franz Kreüther. *Painel de lendas e mitos da Amazônia*. Belém: Editora, 2001.
- PROUS, André. Arqueologia brasileira: a Pré-História e os verdadeiros colonizadores. Brasília, DF: Editora UnB, 1991.
- PROUS, André; NAVARRO, Alexandre Guida. Os muiraquitãs das estearias do lago Cajari depositados no Museu Nacional (RJ): estudo tecnológico, simbólico e de circulação de bens de prestígio. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 2, p. 133-140, 2020.
- RICARDO, Carlos Alberto. Amapá/Norte do Pará: povos indígenas do Brasil. *Instituto Socioambiental*, v. 3, 1983. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/ODL00005.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- RODET, Maria Jacqueline; TALIM, Débora Duarte; GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini; MATOS, Amauri. Cadeia operatória, lâminas de machado polidas e imaginário amazônico no sítio arqueológico Boa Vista, Pará. *Teoria e Sociedade*, n. spe, p. 307-332, 2019.
- RODRIGUES, João Barbosa. *Exploração e estudo do valle do Amazonas: rio Tapajós*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875.
- RODRIGUES, João Barbosa. *Ensaio de scientia, antiguidades do Amazonas*. Rio de Janeiro: Brown e Evaristo, 1876.
- RODRIGUES, João Barbosa. *O muiraquitã e os ídolos simbólicos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

- ROSTAIN, Stéphen. Antes de Orellana. In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGÍA AMAZÓNICA, 3., 2014. Quito (EC): Instituto Francés de Estudios Andinos, 2014.
- ROOSEVELT, Anna C. The Development of Prehistoric Complex Societies: Amazonia: A Tropical Forest. *Archeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 9, 1999.
- SANTOS, Rogério Andrade dos. *Dente de ralador e furador?: um estudo preliminar da função de dois tipos de artefatos líticos oriundos do sítio arqueológico do Porto, Santarém/PA*. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2015.
- SILVA, Tallyta Suenny. Banquete lapidoso: tecnologia lítica em contextos festivos no sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas. *Revista de Arqueologia*, v. 29, n. 1, 2016.
- SCHAAN, Denise Pahl. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico*, v. 39, n. 2, 2014.
- SCHAAN, Denise Pahl. Salvamento arqueológico do sítio PA-ST-42: porto de Santarém. Belém: UFPA; CDP, 2012. Ano 2, v. 2. Relatório final.
- SCHAAN, Denise Pahl; ALVES, Daiana Travassos. *Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém*. Belém: Supercores, 2015.
- SCHAAN, Denise Pahl; AMARAL, Anderson Márcio. Grande expansão geográfica dos Tapajó. In: SCHAAN, Denise Pahl (org.). *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém – Cuiabá, Pará*. Belém: GK Noronha, 2012. p. 17-36.
- SILVA, Fabiola Andrea. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friederich Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. 3 v.
- TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário tupi-português, com esboço de gramática de tupi antigo*. 2. ed. São Paulo: Traco, 1984.
- TILLEY, Chris. Objectification. In: TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KÜCHLER, Susane; ROWLANDS, Mike; SPYER, Patricia (ed.). *Handbook of Material Culture*. London (GB): Sage, 2008. p. 60-73.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos, séculos XVI-XVII*. Manaus: Valer, 2009.
- VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. As artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e artefatos. *Textos escolhidos da cultura e arte populares*, v. 7, n. 1, 2010.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- VEIGA, Wagner. *Aspectos preliminares do muiraquitã identificado no sítio Acampamento Verena, Volta Grande do Xingu, Pará*. [S. l.]: Inside Consultoria, 2012.
- WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Revista Construção Psicopedagógica*, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.
- WHITEHEAD, Neil L. Ethnic Transformation and Historical Discontinuity in Native Amazonia and Guayana, 1500-1900. *L'Homme*, v. 33, n. 2-4, p. 285-305, 1993.
- WHITEHEAD, Neil L. (ed.). *Histories and Historicities in Amazonia*. Lincoln (US): University of Nebraska Press, 2003.